

que merecem ser contada
HISTORIAS
que merecem ser contada
que merecem ser contada
HISTORIAS
que merecem ser contada
que merecem ser contada
HISTORIAS
que merecem ser contada

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



que merecem ser contada
que merecem ser contada
HISTORIAS
que merecem ser contada
que merecem ser contada
HISTORIAS
que merecem ser contada
que merecem ser contada
HISTORIAS
que merecem ser contada

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



MACK LÉO PEDROSO

Diretor-geral do Câmpus Sapucaia do Sul

GUILHERME REICHWALD JR

Coordenador do Curso de Administração

JANAÍNA MARQUES SILVA

Diretora Adjunta

SUZANA TREVISAN

Organizadora e Editora

FABIO ROBERTO MORAES LEMES

Chefe do Departamento de Ensino

MARLON EDUARDO MORSCHER

Programação Visual



**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SUL-RIO-GRANDENSE**
Câmpus Sapucaia do Sul

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores,

O projeto “Histórias que merecem ser contadas” teve sua quarta edição ao longo do primeiro semestre de 2015. Através de diversas ações, pretendemos:

- * valorizar as experiências de vida dos alunos da turma 4F do curso Técnico em Administração (modalidade PROEJA);
- * aprimorar a capacidade de expressão através da escrita;
- * aplicar o conhecimento linguístico;
- * resgatar o valor do aprendizado que acontece além dos muros da escola.

Desejamos que a leitura seja prazerosa e significativa.

Turma 4F (2015/1) e Professora Suzana Trevisan.



SUMÁRIO

- 5** **A DESPEDIDA**
Michele Crissiane Maciel Machado
- 6** **O PRIMEIRO COLO**
Andrea Cristina Muslera Brum
- 7** **MISTÉRIOS DA NOITE**
Elis Regina Guterres Rodrigues
- 8** **MEU PLANO QUE DEU ERRADO**
Luis Fernando Cruz de Lima
- 9** **GUERREIRA**
Fátima Marinex Lermen
- 10** **SUPERAÇÃO**
Julio Cesar dos Santos
- 11** **UMA LIÇÃO PARA TODA A VIDA**
Valdriana Silva Correa
- 12** **AMOR ADOLESCENTE**
Rosimeri Rodrigues Marques
- 12** **COISA DE MENINO ARTEIRO**
Sérgio Roberto Souza Lopes
- 13** **HISTÓRIA DE ALEGRETE**
Clair Ester Goularte Ozorio
- 14** **METAMORFOSE**
Mara Cristina da Luz
- 15** **MEU AMIGO AFRODESCENDENTE**
Maria Cristina da Silva Ferreira
- 16** **MISTÉRIO NA SERRA**
Janaina Silvério Amaral
- 18** **RECOMEÇAR**
Suzete Luciana Cruz de Lima
- 19** **MÃE QUERIDA**
André Barreto Sampaio
- 20** **UMA SURPRESA**
Neli Terezinha Rodrigues
- 21** **HISTÓRIA REAL**
Mariça Canabarro Gonçalves
- 22** **FATO OU LOUCURA**
Rogério Jardim Holz
- 24** **A GALINHA JUREMA**
Sonia da Silva Ribeiro
- 24** **CORAÇÃO SOLITÁRIO**
Michele Dreyer Azambuja Pinto
- 25** **AH, QUE SAUDADE**
Viviane Medeiros Ciscan Trindade
- 26** **AMOR ESTRANHO**
Márcia Regina Pinheiro

A DESPEDIDA

Era mês de Agosto. Minha mãe (avó) costumava dizer: “Mês de agosto é o mês do desgosto. Quem passar deste mês se sinta feliz”. No dia 17 de agosto, às 07:00 da manhã, recebi uma ligação do meu pai (avô). Ele gritava muito: “Chele, tua mãe está passando mal”. Liguei para o Samu, mas o atendimento foi péssimo. Liguei então para minha madrinha pedindo para meu padrinho me socorrer. O mesmo prontamente leva-me até a casa de minha mãe.

Olhei para ela e aparentemente estava bem. Levamos poucos minutos para chegar no hospital. Entreguei minha mãe nas mãos da enfermeira e a partir daquele momento eu e o restante da família ficamos aflitos. Passei o tempo todo espiando ela por uma pequena fresta que abria de vez em quando na porta. Aparentemente estava bem, até me olhava e dava um pequeno sorriso.

O médico nos mandou para casa, pois não podíamos ficar dentro da sala de observação com ela. Mas, passaram 10 minutos e o hospital nos chamou novamente. Nos reunimos novamente na porta da sala de observação e veio a triste notícia: o infarto foi muito forte e não cessou, ela acabava de nos deixar.

A dor é insuportável: mal podia respirar. Mas, tínhamos que preparar o funeral. Passamos a noite velando minha mãe. Assim que amanheceu o dia recebi uma ligação que abriu mais

meu chão: o pai da minha madrinha, pessoa que eu ajudava a cuidar, também acabava de falecer.

“O que é isso? O mês de agosto está se revelando contra mim?”. Continuei velando minha amada mãe. Seu enterro foi de tarde. Fui para casa tomar um banho para ir ao outro velório. Então, meus filhos me contaram que viram minha mãe sentada na capela, sorrindo e abanando para eles.

O tempo passou e a dor só aumentou. Eu chorava todas as noites, mal dormia, até que um dia vi minha mãe entrando pela porta enquanto eu chorava. Sentou-se ao meu lado e disse: “Não chore assim, estou bem! Você fez tudo o que pode, agora quero que cuide de seu pai”. Então senti um forte abraço. Esta visita foi ótima e me mostrou que a vida continua e também confortou meu coração.

Michele Crissiane Maciel Machado



O PRIMEIRO COLO

Eram oito horas da noite quando minha bolsa estourou, estava com trinta semanas de gestação. Estávamos em um acampamento em Arambaré, toda a turma reunida para passar o final do ano de 2001.

Havia ido ao banheiro, pois, como toda a gestante, era o lugar que mais frequentava. Não sabia ao certo o que aconteceria. Minha bolsa havia estourado e eu só via um bando de loucos correndo de um lado ao outro procurando a chave do carro para levar-me ao hospital. Todos corriam menos eu, que estava muito calma e tentava acalmar os outros, mas ninguém me ouvia.

Fomos ao hospital de Camaquã e de lá fui transferida para o hospital de Porto Alegre, pois não havia neonatal naquela cidade e eu nem imaginava, com minha ingenuidade, o que iria acontecer.

Ganhei meu filho através de uma cirurgia Cesária, mas para mim era um parto “normal”. Infelizmente a realidade era bem diferente: meu filho já estava em sofrimento e com 30 semanas (37 centímetros e 1.180kg), com certeza não iria sobreviver. A doutora Luiza explicou para o meu marido a dimensão do problema e que talvez um de nós iria morrer! Mas, Deus quis que nós dois ficássemos vivos para lutarmos pela vida e ficarmos juntos.

Passamos o ano novo dentro do hospital em volta de uma

incubadora, sem saber ao certo o acontecia. Eu só queria poder pegar o meu filho no colo, mas não podia, pois tudo o que saísse da rotina gestacional poderia provocar a perda de peso no Bruno. O objetivo maior era ganhar peso.

Passaram-se duas semanas e eu tocava o meu bebê somente com as pontas dos dedos, cantava para ele, passava o dia ali, como se ele estivesse dentro de mim. Foi quando uma das enfermeiras faltou ao serviço e não havia ninguém para auxiliar a técnica de enfermagem na higiene da incubadora. Então, ela olhou para mim e com um sorriso falou:

-Quer pegar teu filho hoje?

Meus olhos encheram de lágrimas e só balancei a cabeça que sim, a voz não saía de tanta emoção. Segurei meu filho por alguns minutos apenas, escondida da enfermeira chefe, com uma alegria tão grande, indescritível. Tudo o que eu mais queria era isso, sentir o seu corpinho frágil no meu colo. Naquele momento tive certeza que íamos conseguir, que ele ia “vingar”. Após uma semana foi autorizado o projeto canguru e meu marido pode sentir a mesma emoção.

Ninguém pode imaginar o quão sofrido é para os pais não poder pegar seu filho no colo, ter que tocá-lo através de um buraco e ter que ir quarenta e cinco dias para casa sem seu bebê. Íamos para casa sempre com a mesma orientação:

-Mãezinha não desligue o telefone, nós poderemos te

Continua...

chamar. E se acontecer, venha com calma, pois o inevitável pode acontecer.

Elas nunca nos esconderam o quão grave era a situação do Bruno, mas sempre tivemos a confiança de sua melhora, sempre com a esperança da tão sonhada alta médica.

O Bruno ficou quarenta e oito dias internado, recebeu alta com 2,240kg, 41centímetros. Digo que aquele colo foi o que deu força para nós três, para lutarmos contra a morte. Hoje com 13 anos, 1.77cmde altura, vejo o quanto foi e é importante o afago, carinho e o amor. Muito raramente ele vem no meu colo, só nas brincadeiras. Hoje, na verdade, é ele quem me pega no colo, rapidinho, da mesma maneira que eu o peguei no primeiro “colo roubado” do hospital.

Andrea Cristina Muslera Brum

MISTÉRIOS DA NOITE

Meu avô era um homem batalhador, do tempo em que se chamava comida de boia. Vivía em seu sítio com suas criações de animais que eram porcos, galinhas, pavão, peru, pata e muitos outros. Havia também uma vaquinha que todo o amanhecer jorrava alguns baldes de leite fresquinho.

Certo dia ele deu por falta de alguns animais, saiu a sua procura e os encontrou mortos. Frequentemente isso acontecia.

Preocupado com a perda de muitos animais, preparou uma emboscada, pegou sua espingarda, vestiu seu capuz e foi para a mata, no meio das taquareiras, para vigiar os acontecimentos.

Pelas tantas, ouviu um barulho tipo rugido, se assustou com o que vira! Um bicho enorme com dentes grandes veio em sua direção, ele engatilhou a espingarda e atirou. O bicho saiu correndo assustado em meio à escuridão. Meu avô teve a certeza que o acertou. Foi para casa e esperou o amanhecer.

Na manhã ouviu lamentos de tristeza no vizinho ao lado, pois ele tinha sido baleado na noite, sabe se lá por quem! Meu avô foi vê-lo e notou que o tiro tinha sido no mesmo lugar em que ele tinha baleado o animal.

Até hoje nunca mais foi visto bicho nenhum matando animais. Isso é um dos mistérios da noite...

Elis Regina Guterres Rodrigues



MEU PLANO QUE DEU ERRADO

Essa história aconteceu num sábado, muitos anos atrás. Eu estava em casa sem nada pra fazer e a noite chegando. Então pensei: “Vou dar uma saída, curtir um som na divisa de Esteio com Sapucaia”.

Mas eu era menor de idade, não podia sair a noite. Fiquei pensando “Como farei pra sair sem que ninguém saiba?” O tempo passando e nada vinha em mente. De repente, tive uma boa ideia: “Vou falar que irei posar na minha tia”. Na época ninguém tinha celular e até que eles descobrissem, eu já seria maior de idade.

Coloquei meu plano em prática. Fui pedir para minha vó se eu podia posar na casa da minha tia. Minha vó, sem desconfiar, deixou eu ir posar na minha tia. Até aí estava dando tudo certo.

Sai da casa da minha vó antes de anoitecer pra ir na casa da minha tia (entre aspas), mas fiquei no calçadão até o sol se pôr e a noite chegar. Peguei o trem com destino à divisa e cheguei lá feliz da vida, achando que ia ser o garanhão do pedaço.

Mas o mar não estava pra peixe: não pequei nem gripe. Resolvi ir embora pra casa, mas não tinha mais trem nem ônibus, pro meu puro azar. Tive que ir embora a pé. Minha ida pra casa estava tranquila, mas no fundo estava morrendo de medo. Sentia uma sensação estranha de estar sendo seguido, escutava passos, olhava pra traz e não via ninguém.

Comecei a caminhar mais rápido e resolvi pegar um atalho pela passarela da prefeitura em vez de ir pela do centro. Quando estava atravessando a passarela um senhor passa por mim e começa a me chamar “Oh, rapaz, vem aqui que eu quero falar com você”. Virei “em pernas”. Nunca corri tanto em toda minha vida. Certamente corri mais rápido que o UsainBolt, que o Rubinho (mas quem não corre mais rápido que o Rubinho? Todo mundo corre mais rápido do que ele).

Mas o pior é que o senhor veio atrás. Para despistá-lo, entrei na delegacia, mas não tinha ninguém. Sai da delegacia e continuei a correr. Na esquina da rua tinha um terreno vazio, mas o terreno era cheio de valetas e buracos. Eu não sabia e, por isso cai numa valeta. Me levantei e cai noutra. Sai rolando. Me levantei e um arame enroscou no meu pé. Fiquei todo arranhando, com a roupa toda suja, mas consegui sair do terreno. Logo adiante avistei dois guardinhas que cuidam a rua. Falei o acontecido e eles me acompanharam até minha casa.

Quando eu cheguei em casa falei tudo que tinha acontecido. Resumindo, mentira tem perna curta. Acabou tudo bem, mas o final poderia ter sido trágico porque uma pequena mentira poderia se tornar uma tragédia.

Luis Fernando Cruz de Lima



GUERREIRA



Tudo começou no ano de 1970, em uma cidadezinha de Soledade. Minha mãe começou a namorar meu pai. Eles namoraram quase 2 anos quando ela descobriu que estava grávida de mim. Mas isso foi um choque e tanto para ela e para ele também. Pensa bem, grávida aos 20 anos?!?

Como problema nunca vem um só, logo depois descobri que meu pai tinha engravidado outra menina ao mesmo tempo. Como antigamente se você engravidasse tinha que casar, foi o que o pai da menina fez. Obrigou meu pai a casar com a menina e minha mãe ficou solteira porque meu avô tinha

falecido e ela não tinha ninguém, porque seus irmãos eram pequenos ainda.

Mesmo com essa notícia, minha mãe decidiu me ter. Logo começou a discriminação, pois uma mulher ser mãe solteira há 42 anos era um absurdo. Ninguém queria chegar perto dela, faziam pouco caso, não deixavam ela ir aos bailes da comunidade, mas tudo isso não esmoreceu a vontade de ela me ter. Ainda bem que minha mãe sempre foi uma guerreira, o meu orgulho, meu espelho.

Ela passou de tudo um pouco e mesmo assim seguiu firme e forte. Hoje estou aqui e sou uma mulher forte e guerreira. Agradeço a essa mulher que fez de tudo para me ver feliz. Se hoje sou uma pessoa que luta pelo o que quero é porque sempre tive uma ótima professora que me deu carinho, amor e tudo o que ela poderia me dar com muito esforço.

Após 5 anos, ela se mudou para Sapucaia do Sul onde conheceu o meu padrasto, ela se casou e ele foi esse pai que eu conheci e que me deu amor. Hoje agradeço a Deus todos os dias por ter colocado essas duas pessoas que me cuidaram com muito amor. Sei que sou difícil, geniosa, mas vocês estão sempre ao meu lado. É por isso que temos que dar valor enquanto temos os pais vivos.

Fátima Martinez Lermen

SUPERAÇÃO

Nascido na cidade de Guarulhos, em São Paulo, de família humilde, desde cedo tive que trabalhar. Parei de estudar, pois queria ter minhas próprias coisas e meus pais não tinham condições de me dar o que queria. Aprendi o valor de cada gota de suor, de cada real ganho após um longo dia de trabalho.

Como era muito novo não existiam muitas opções de trabalho a não ser serviço pesado. Foi quando meu tio que morava no Rio Grande do Sul e tinha um comércio me convidou a ir morar e trabalhar com ele. Fiquei por algum tempo, mas queria minha independência e então decidi ir morar sozinho e trabalhar em outra empresa.

Passei por muitas dificuldades, nunca desisti, sempre com muita confiança de que atingiria todos os meus objetivos. Mas tinha a sensação de que faltava algo, pois tinha parado de estudar e sabia que para ter melhores condições no trabalho necessitava do término dos estudos.

A vida seguia e eu sem a coragem e sem o incentivo de alguém para que voltasse a escola. Foi quando conheci minha

esposa que, após algum tempo, através de seu cunhado, conseguiu me convencer a voltar a estudar e aos poucos retornei. Concluí o ensino fundamental através do programa de ensino EJA. Devido ao trabalho que realizava, não consegui ingressar já no próximo ano no ensino médio.

Fiquei dois anos sem estudar, mas sempre sentindo a necessidade de voltar. Foi quando decidi ingressar no curso Técnico em Administração Proeja. Hoje vejo quanto tempo perdi com medo e pensando que não seria capaz de completar meus estudos. Hoje me considero uma pessoa determinada, focada e até mesmo teimosa. Teimosia essa que consigo utilizar em meu favor, transformando ela em força de vontade e persistência.

Apesar dos defeitos que possuo (assim como todas as pessoas), tento minimizar com minhas qualidades, melhorando a cada dia. Considero a minha vida como um rio, que apesar de ser cheio de curvas e obstáculos, consegue sempre vencer todos esses desafios impostos e, por fim, conquistar o mar.

Julio Cesar dos Santos

UMA LIÇÃO PARA TODA A VIDA

Nossa família era composta por cinco pessoas, sendo o pai, a mãe, três irmãos e mais eu, é claro. Sempre fomos muito unidos, gostávamos de fazer os tradicionais almoços de domingo, onde se reuniam nossos avós, tios, sobrinhos e netos: enfim, toda a parentada.

Desde pequena, ouvia minha mãe falar para estudarmos, pois tudo na vida era difícil sem os estudos. Lembro dela falando: “Com estudo já é difícil, imagina quem não tem?”. Enfim, o importante é que quando saía de casa para trabalhar nos levava consigo, não só para ajudá-la, mas para aprender a dar valor ao que fazemos e, principalmente, para que fossemos responsáveis com tudo aquilo que iríamos fazer na vida.

Comecei a trabalhar muito cedo. Tinha 16 anos e fui trabalhar em uma casa de família, onde pude demonstrar tudo que havia aprendido com a minha mãe, principalmente a dar valor ao que ela fazia. Não foi por menos que eu e minha irmã mais velha, que também trabalhava, resolvemos presentear-la com um presente que sempre quis: um sofá novo. Nosso pai não tinha condições de comprar. Para nós, presentear-la foi a melhor forma de reconhecer tudo aquilo que havia nos

ensinado para toda a vida. Daí por diante ninguém mais nos tirou a ideia de lutarmos por tudo aquilo que gostaríamos de ser e de ter.

Hoje somos os quatro filhos determinados, responsáveis com suas casas, seu trabalho e ainda com os estudos. Então eu fico pensando: E não é que ela tinha razão! Hoje me vejo novamente estudando, aprendendo cada dia novas lições e principalmente passando para minha filha o mesmo exemplo que tive em casa. Sei que valores se aprendem em casa, respeito e dignidade também. Não é na escola que se aprende e sim aperfeiçoamos a lição de vida que aprendemos com nossos pais. Portanto: Obrigada mãe, pai, filha, escola e obrigada à vida por ter me proporcionado tantas oportunidades de aprender.

Agradeço a Deus a filha maravilhosa que tenho, pois me incentiva todos os dias para que eu persista, que tem dedicação em me ensinar aquelas regrinhas básicas que já nem me lembro mais, mas posso garantir que juntas, eu e minha filha, cultivamos a sabedoria e a persistência herdada da minha família.



Valdriana Silva Correa

AMOR DE ADOLESCENTE



No baile da igreja um jovem me convida para dançar. Dançamos o baile todo, nasce uma amizade com ele, seu irmão e mais três amigos que estavam sempre em sua companhia. Tempos depois começamos a namorar um namoro inocente. Porém, ele começou a dedicar muito de seu tempo para mim. Acompanhava-me onde quer que eu fosse, estávamos sempre que possível juntos.

Em um domingo, cheguei ao baile mais cedo e seu irmão veio conversar comigo. Contou que fazia pouco tempo que sua mãe havia falecido e que a atenção que ele me dedicava estava sendo prejudicial em seu desenvolvimento no estudo e atrapalhando a busca que ele deveria fazer para suas conquistas na vida.

Aquilo foi um choque. Fiquei sem reação, pois não queria terminar nem tinha coragem de magoá-lo. O irmão dele disse que quando ele aparecesse na porta me daria um selinho para que seu irmão não me quisesse mais e que eu não deveria reagir. Disse também que ele não olharia mais para mim.

Naquele momento tudo acabou. Nunca mais nos falamos, apenas olhares. Nas poucas vezes que nos encontramos por acaso, já pensei em falar tudo o que penso, mas o medo de uma reação negativa ou agressiva me deixa sem coragem de contar o porquê de tudo.

Aquele tempo nunca mais vai voltar para que eu possa corrigir o erro de aceitar que os outros tomassem decisões importantes por mim. Hoje em dia eu faria o que o meu coração mandasse.

Rosimeri Rodrigues Marques

COISA DE MENINO ARTEIRO

Eu morava na cidade de Julho de Castilhos e tinha dez anos. Já aprontava demais pra esta pouca idade, era bem esperto. Minha mãe me mandava ir até a casa de minha tia levar algumas frutas e verduras. Às vezes fazia um pão ou chimia e me mandava “Sergio vai até a casa da tua tia e leva uma provinha”. Eu chegava brilhar os olhos pensando em uma arte para fazer.

Continua...

HISTÓRIA DE ALEGRETE

Ideias não faltavam.

No caminho eu passava pelos trilhos do trem e casualmente eu tive a sorte de encontrar naquele dia. Pensei em pegar uma carona, pois passava bem perto da casa da minha tia. Ela morava uns quinze quilômetros da minha casa. Eu olhei o trem passando bem devagar (por causa de um cruzamento que tinha por ali), não pensei duas vezes. Pulei pra cima dele e lá fui eu com a boca lá nas orelhas. Só que após o trem passar pelo cruzamento, ele começou a aumentar a velocidade e a coisa ficou feia: eu não podia pular do trem.



Só parei na próxima cidade, há pelo menos quarenta quilômetros de onde morava. Imagina só, o trem viajou pelo menos duas horas passando por matas, pontes e rios. Quando o trem parou na cidade de Santa Maria eu estava apavorado. Minha salvação foi que meu tio trabalhava na manutenção de trilhos, acabei o encontrando e, depois de um grande sermão, ele me colocou em outro trem de volta para minha cidade.

Até hoje ele conta esta história.

Sérgio Roberto Souza Lopes

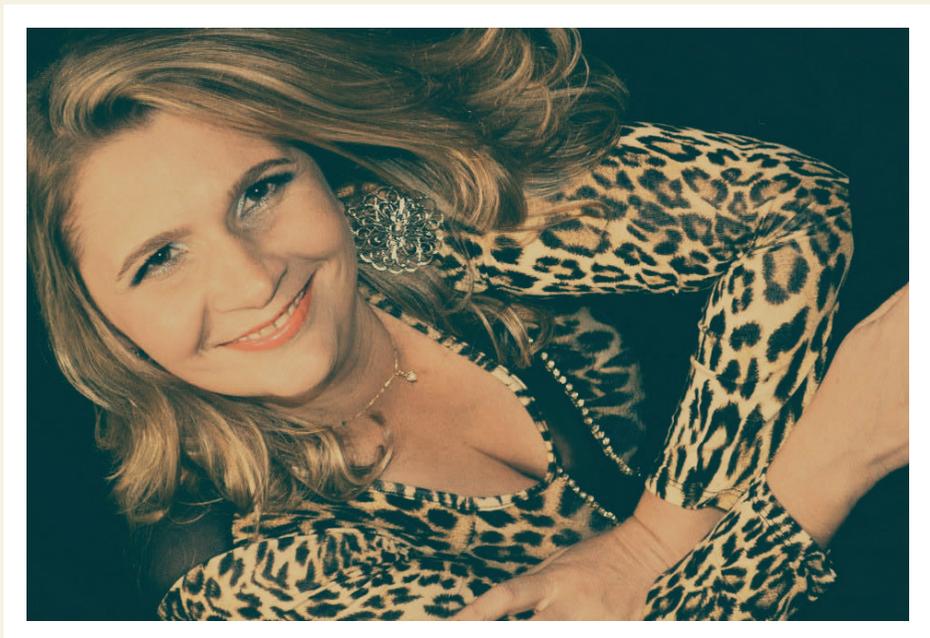


Minha terra tem o lindo canto Alegretense: “Não me perguntes onde fica o Alegrete, segue o rumo do teu próprio coração”. Cidade alegre, aconchegante e bem tradicionalista, com o maior desfile gaúcho de 20 de Setembro. Cidade da fronteira, bem gaúcha, onde tomam bastante chimarrão e comem muito churrasco.

Os Alegretenses tem o sotaque diferente e quando encontram pessoas conhecidas dizem: “Mas que tal, tchê”, com a voz alta e um sorriso alegre. Vizinhos se reúnem um dia numa casa, outro dia na casa de outro para fazerem a rodada de chimarrão no final de semana e para fazer o churrasco juntos.

Clair Ester Goularte Ozorio

METAMORFOSE



No dia dos meus 18 anos estava muito feliz, pois era o dia do meu casamento. Eu tinha uma vida muito difícil na casa dos meus pais. O pai era alcoólatra e a mãe sempre trabalhando, submissa a ele.

Então, para fugir daquela situação em que vivia, achei que casando seria a melhor escolha. Meu ex-marido tinha uma situação financeira boa e acabei me envolvendo. Ainda quando éramos noivos sempre foi muito atencioso comigo, verdadeiro príncipe encantado. Mas, nos primeiros meses de nosso casamento já dava sinal que não era bem como eu imaginava.

Fiquei grávida. Ele já tinha 3 filhos de outro casamento, mas queria ser mãe. Quando nasceu minha filha colocamos o nome de Carolina. A Carolina sempre muito meiga, de cabelos loiros e olhos azuis: minha princesa.

Tínhamos 20 anos de diferença de idade, mas isso nunca foi importante para mim. Ele sempre foi muito ciumento, inclusive quando namorávamos e com o passar dos anos foi piorando. Era ciúmes de posse: “Eu sou teu dono e tu tem que me obedecer”.

Meu sonho sempre era voltar a estudar, mas ele dizia que nunca iria deixar, pois o trairia na escola. Os anos foram se passando e eu cada vez mais triste e tinha que aguentar aquele ciúme.

Um belo dia ele teve a ideia de comprar umas roupas para eu revender, mas como me achava uma pessoa insegura, não pensou que poderia dar certo. Comecei a vender com uma amiga que já tinha uma clientela e cada vez vendíamos mais. Fui ficando independente e cada dia me sentindo mais forte.

Eu era tão insegura comigo mesma que não sabia nem ir ao banco sacar dinheiro no caixa eletrônico. Então, resolvi ir a uma psicóloga. Fui mais ou menos um ano até chegar num ponto que tomei minha decisão. Foi muito difícil porque eram 19 anos de casada, nunca tinha trabalhado fora e nem tinha o segundo grau.

Continua...

MEU AMIGO AFRODESCENDENTE

No dia 19 de janeiro do ano de 2013 fiz a mudança escondida dele, pois ele não aceitava a separação. Tinha muito medo, porque para o homem é muito difícil quando a mulher não quer mais.

Minha filha estudava no IFSul e viu que ia abrir inscrição para o curso técnico em administração e falou: “Se inscreve, mãe, que tu vai passar”. Então me inscrevi e fui fazer a prova. Muito ansiosa pelo resultado, nem acreditei que minha redação foi escolhida em primeiro lugar.

Nesses 2 anos de separação nada foi fácil para mim, ainda não vendemos a casa: eu moro de aluguel e ele mora na casa. Coloquei ele na justiça, pois pelo menos a metade do aluguel tenho direito.

Graças a Deus estou trabalhando, casei de novo e meu marido é uma pessoa maravilhosa, bem diferente. Posso estudar, trabalhar, enfim: ter liberdade.

Escrevo esta história porque sei que existem muitas mulheres nesta situação. Falo para elas nunca desistirem de si mesmas, serem persistentes nas suas vidas. Hoje me orgulho muito da pessoa que sou. Tenho paz de espírito, liberdade e muita força de vontade de vencer. Agora não vou descansar enquanto não conseguir cursar faculdade: é esse meu objetivo.

Mara Cristina da Luz

Eu tenho um amigo chamado Carlos. Ele é afrodescendente e gosta de usar terno branco. Certa vez ele foi convidado a falar da palavra de Deus em uma igreja evangélica.

Ao término do culto ele foi pegar o ônibus. A parada ficava em frente ao cemitério. Ele avistou um homem se aproximando que pediu fogo para acender o cigarro. Então, Carlos falou para o homem:

- Quando eu estava neste mundo..

Mas o homem saiu correndo e não esperou ele terminar de falar. Imagina só, contava Carlos, um negro de terno branco, em frente ao cemitério a meia noite e ainda falando que não é deste mundo?

Mas o que ele queria dizer é que ele havia se convertido a Jesus e não fumava mais. Ele agora é evangélico. Mas o homem não quis saber, ficou com medo porque pensou que era alma penada e fugiu.

Maria Cristina da Silva Ferreira

MISTÉRIO NA SERRA



Logo que me casei, nos mudamos para a serra gaúcha. Minha filha era ainda um bebê nesta época. Morávamos em uma pequena casa de dois cômodos, toda feita de tábuas. Era uma terra linda, fria e cheia de mistérios.

Certa noite meu marido e eu estávamos gravando um show que acontecia no bar Opinião e estava sendo transmitido ao vivo pelo rádio. Era nossa banda favorita. As noites em Cambará do Sul costumavam ser bem tranquilas e silenciosas, mas naquela noite tudo estava diferente, havia um barulho generalizado na mata, como se todos os animais estivessem agitados ou com medo. Em meio a este festival de ruídos,

um em especial chamou nossa atenção, era um grito que se destacava entre os demais, muito alto e aterrorizante, uma mistura de animal com gente.

Ficamos atentos, analisando cada localização do grito, que se movia na mata com uma velocidade absurda. Como se percorresse quilômetros em poucos minutos. A cada grito, se aproximava mais e mais.

Quando percebemos, o grito era ouvido aos fundos da nossa casa, onde ficava uma igreja. Nos apavoramos, pois não conseguíamos imaginar do que se tratava, não era possível entender o que acontecia. Então, o desconhecido gritava ao fundo de nossa casa e cruzava pelo beco que havia ao lado da casa em apenas três passos. O beco tinha cerca de dez metros e era muito estreito. Ao passar rapidamente, foi sacudindo as paredes e balançando os quadros. Enfurecido, correu e parou em frente à porta de nossa casa.

A esta altura eu já estava sobre a cama com minha filha nos braços e olhando fixamente para a porta, que era sacudida desesperadamente pelo desconhecido. Ele empurrava a porta como se desejasse abri-la. A porta era bem simples, com apenas uma trâmela que girava e com a força que recebia de fora, quase se abria.

Então, meu marido, que analisava cada movimento do desconhecido, já o aguardava com a arma engatilhada: era uma

Continua...

arma de caça que dava apenas um tiro por vez. Enquanto isso, eu e minha filha estávamos na cama às costas dele. Ele deduziu que como tinha apenas um tiro, iria atirar bem ao meio da porta, para que se fosse um animal acertasse o abdômen e se fosse uma pessoa acertaria a cabeça. Não poderia errar o único tiro.

Enquanto eu visualizava o desconhecido entrando porta adentro e nos estraçalhando, meu marido friamente caminhava um passo de cada vez em direção à porta, lentamente. Ao pisar em uma das tábuas houve um barulho, a tábua rangeu, meu marido ficou imóvel e imediatamente os empurrões cessaram. Era como se o desconhecido percebesse nossa intenção. Logo após, a coisa correu lombada abaixo em disparada, gritando e sendo atacada pela cachorrada que a seguia. Logo, os gritos foram sumindo.

Ao perceber que o desconhecido era perseguido pelos cachorros, notei que não éramos apenas nós que percebemos a sua presença, então saímos na rua. Eu peguei uma lanterna, olhamos e olhamos, nem rastro do suposto animal. Nem mesmo em um local onde ficavam até as pegadas dos gatos marcadas na areia. Não foi deixado rastro. Comentamos, na manhã seguinte, o ocorrido com nossos vizinhos que disseram não ter ouvido nada.

Até hoje não sabemos o que bateu em nossa porta naquela

noite. Quando contamos aos nossos vizinhos, todos tinham a mesma afirmação. Diziam que se tratava de um assombro local, o gritador, muito conhecido na região. Trata-se de um ser meio animal meio homem que perdera seu melhor cavalo no dia em que ele o usaria para ir a uma festa. Como o homem era ruim feito o diabo, encilhou a própria mãe e a fez carregá-lo em suas costas até o local do baile. Ao chegar ao local, antes de morrer, sua mãe lhe teria rogado uma maldição, que quando morresse não iria ter descanso: não iria nem para o céu, nem para o inferno. Ficaria vagando eternamente, gritando pelos campos de cima da serra.

E este caso aconteceu comigo há muitos anos atrás e até hoje não acho explicação a não ser que se tratava mesmo do assombro do gritador.

Janaína Silvério Amaral

RECOMEÇAR

Tudo começou no dia 24.09.2009 quando eu sofri um acidente. Eu fui atropelada estando grávida de 5 meses e meio. Graças a Deus, tudo certo com o bebê que hoje tem 5 anos de vida.

Mas, meu sofrimento começou neste dia porque tive uma fratura no tornozelo esquerdo e fiquei imobilizada por muitos meses. Estando grávida, não podia fazer muitos exames de Raio-x e nem tomar qualquer medicamento. Muitas vezes tive que aguentar a dor “no osso”.

Meu bebê teve acompanhamento psicológico até os cinco anos. Tudo está bem com ele até hoje, graças a Deus. Mas, eu digo que minha vida recomeçou neste dia por tudo que passei. Consegui me recuperar bem, conheci pessoas anjos. Sei que tudo foi um incentivo para estar onde eu estou agora. Nunca fiquei parada, tirando o tempo que fiquei em depressão. Eu só evolui.

Não sei se foi uma pessoa ou um sonho, só sei que me disseram quando eu estava sobre uma depressão muito forte: “Não faz assim, você é uma vencedora. Não te deixar cair, tudo passa guria. Vai à luta.” Pois bem, fui mesmo, com muita dificuldade para caminhar, comecei a fazer os cursos do Pronatec. Hoje já tenho 5. Por lá comecei a gostar e quis mais,

até que vim parar no IFSul.

Me inscrevi. Parece mentira, mas não é: no dia da prova eu estava fazendo uns bolinhos de chuva para meus filhos, quando, não sei como, a banha quente caiu sobre mim. Lá fui eu para o posto. Como eu já conhecia as enfermeiras todas eu pedi “Por favor, sejam ligeiras, queridas, tenho uma prova pra fazer. Não posso demorar”. Contei a história para elas e mais que depressa me atenderam, mas mesmo assim cheguei 30min atrasada.

Chegando aqui no campus, me deparo pela primeira vez com meu mestre, professor

Guilherme: “Por favor, deixe eu entrar!”. Ele diz: “Normas são normas, não posso deixar. Você está meia hora atrasada, então você não poderá fazer...”. Eu respondi: “Por favor, deixe eu explicar o que houve...”

Contei o episódio. Ele ficou uns 5 segundos me olhando firme nos meus olhos e disse: “Eu nunca fiz isto pra ninguém, mas eu vou te dar uma chance. Vai bem quietinha, sem tirar atenção dos outros que já estão em prova.” Antes de entrar eu falei: “Muito obrigado, professor. Você nem sabe o quanto está fazendo por mim.”

Professor, sou grata por este gesto de generosidade e por muitos que já me fez. Vou levar ele e a família IFSul no meu

Continua...

coração para o resto da vida. Os olhos falam mais do que palavras, eles são nossas almas. Se tens a alma boa e generosa as coisas boas acontecem por si. Estar aqui no IFSul foi umas das minhas maiores conquistas e umas das grandes vitórias.

Ao longo destes anos que eu sofri muito, demorou, mas a alegria chegou. Plantei desafios e estou colhendo cultura e conhecimentos dos professores. Parabéns por fazer de seus alunos grandes profissionais para mundo. Professor Guilherme, Henryketa, Anderson, Janaina, Mack, Fabio Lemes, Evandro Godoy, Rafael Campos, adorável Bianca, inesquecível Daniele, dentre outros aqui citados, mas jamais esquecerei do obrigada por acreditar e apostar em mim. Amada Suzana, está sendo um enorme prazer ser sua aluna.

Suzete Luciana Cruz de Lima

MÃE QUERIDA

Sabe aquele dia em que uma ligação muda toda a tua rotina? Pois é, essa ligação veio no dia 6 de Agosto de 2014, às 2:00 horas da manhã. Era do hospital. Minha irmã Elisa ligava dizendo que nossa mãe nos deixava, havia descansado depois de tanto sofrimento, numa luta de anos contra a diabetes.

Por muitos anos levamos, buscamos e até dormimos em hospitais de Porto Alegre com ela. Mas hoje, depois de

7 meses, quero falar de coisas boas e agradecer a todos que estiveram comigo e minhas irmãs nesse momento difícil.

Minha mãe era uma pessoa simples e com uma alegria sem tamanho. Passou por dificuldades para criar seus 4 filhos, mas venceu pois tinha muita garra e ainda ajudou a criar seus 2 netos que teve o prazer de conhecê-los antes de perder a visão. Ela não vai estar presente quando meus filhos nascerem, mas vou passar os ensinamentos dela, para não deixar em vão o esforço que ela fez para criar o Pai deles.

Ensinou-me o que era certo e o que era errado, me ensinou a respeitar, cuidar e honrar minha palavra. Fez-me homem e hoje agradeço por tudo que ela fez por mim, passando-me seus ensinamentos. Fiz minha parte da melhor maneira possível, pois quando ela esteve doente cuidei dela assim como ela cuidou sempre de mim.

Penso que temos que dar valor às pessoas porque a vida é única e passageira. Depois não adianta querer recuperar o tempo perdido. Fiz minha parte e aproveitei ao máximo minha mãe que hoje tenho somente no coração e na lembrança.

Hoje rezo para ela e peço a Deus que lhe dê paz e tranquilidade porque sei que um dia vamos nos encontrar novamente e aí sim, viver a eternidade juntos.

Mãe, Te Amo!!!

André Barreto Sampaio

UMA SURPRESA

Já faz algum tempo que isto aconteceu.

Vim para Sapucaia em 1987 e comecei a trabalhar pela primeira vez em minha vida, pois tinha que sustentar a minha filha sozinha. Trabalhava em uma Empresa de refeição que prestava Serviço para Lansul a noite. Conheci um rapaz e me envolvi com ele. Saímos umas duas ou três vezes, sem compromisso. Passaram alguns meses e descobri que estava grávida novamente. Fiquei apavorada, pois como eu ia criar mais uma criança, se já tinha uma para criar. Mas também não queria fazer aborto, pois sempre fui contra.

Um dia conversando com uma senhora que eu chamava de tia Ana, perguntei se ela não queria uma criança para ela. Eu sabia que ela queria ter mais um filho, mas ela não podia ter mais. Ela cuidava de crianças, muitas vezes ela ficava com as crianças que as mães davam pra ela, mas quando chegava na hora delas irem embora, as crianças ficavam chorando. Mesmo assim, tia Ana as devolvia pra sua mãe.

Sabendo disso, perguntei a ela:

“Tia Ana a senhora não quer um bebê?”

Ela me respondeu:

“Sim, eu quero. De quem?”

Eu respondi:

“Meu, pois não tenho condição de criar mais uma criança, já tenho uma, como a senhora sabe.”

Lembro-me que ela encheu os olhos de lágrimas e disse que sim. Falou pra filha dela, para o marido e para a sogra que ela tinha ganhado um bebê.

Eles perguntaram:

“De quem?”

Ela respondeu:

“Da Neli.”

Eles vieram e me perguntaram se era verdade e eu respondi que sim. Ficaram muito felizes. Passaram os meses seguintes, até o dia daquele bebê nascer. Fui para o hospital no dia 20/04/91 para ganhar o meu bebê. Mas só ganhei no dia 21/04/91, às 21:25 e a outra às 21:30. Qual foi minha surpresa eram gêmeas: duas meninas. O médico me perguntou se eu já tinha os nomes dos bebês. Respondi que sim: uma seria Aline e a outra não sabia, pois eu sabia que era uma e não duas. Ele me pediu se eu colocaria o nome da outra de Alice. Disse que podia, mas perguntei pra ele o porquê. Ele me respondeu que quando ele era jovem ele tinha namorado uma menina com esse nome e que combinava com o outro nome Aline.

Mas, fiquei preocupada: não sabia se a minha Tia Ana iria ficar com uma ou com as duas. Se ela quisesse só uma, eu não daria. Ou ela ficava com as duas ou nada feito. Quando ela ficou sabendo que

Continua...



era duas também pensou “Eu só fico se a Neli me der as duas”.

Graças a deus ela pode ficar com as duas. Passamos por muitas coisas juntas, mas no final deu tudo certo. Hoje elas estão umas moças lindas. Como elas amam aquela mãe.

Eu fico muito feliz que elas estão muito bem encaminhadas na vida e que são felizes com a família que eu escolhi para elas. A única coisa que eu peço a Deus é que um dia elas possam me perdoar por não ter ficado com elas. Mas não tinha condição de ficar com elas. Eu queria que elas tivessem, em primeiro lugar, amor de uma pessoa muito especial que era a tia Ana, o tio Mário e de sua filha Angelita. Estas pessoas que eu escolhi para ser a família delas. Graças a Deus deu tudo certo.

Neli Terezinha Rodrigues

HISTÓRIA REAL

Hoje vou contar uma história real de um rapaz que conheci por volta de 1987, em Rosário do Sul. Era um rapaz humilde que morava com sua mãe de “criação”, que cuidou dele desde pequeno. Ele me conta que foi morar com ela quando tinha cinco anos e ao chegar lá se deparou com mais 17 filhos de criação. Moravam todos juntos, sendo duas mulheres.

Ao passar do tempo seus irmãos foram saindo de casa,

casando e formando suas famílias. O rapaz ficou com sua mãe e uma das irmãs. A mais nova o maltratava. Ele conta que uma vez de tanto o maltratar, ele fugiu para o mato e lá ficou por três dias passando frio e fome. Depois, o acharam e então ele voltou pra casa, clamando por sua mãe, mas ela não estava mais lá.

Ele se deparou sozinho, passou fome, muitas das vezes foi para a escola e chegou com fome em casa. Sua irmã o fazia limpar a casa, lavar o chão, ir ao mato procurar lenha, pois antes de ir para a escola deveria deixar o fogo pronto.

Ao passar do tempo ele percebeu que tinha um objetivo, que Deus o enviou para cuidar da sua mãe de criação. E ele? Ele cuidou. Então nós nos conhecemos e começamos a namorar. Não levou um ano entre namoro e noivado e então casamos em maio.

Dois anos e meio depois tive minha primeira filha, dois meses depois a mãe dele morreu e nós continuamos nossa vida. Hoje tenho quatro filhos: duas filhas e um filho e mais um filho do coração.

Enfim, há 25 anos somos dois corações unidos num sentimento, somos casados. Dizem que casamento é uma loteria... Se for, eu acertei nos números do amor porque hoje somos felizes.

Mariza Canabarro Gonçalves

FATO OU LOUCURA

Eu sou o filho mais velho de uma família de três filhos e fui o primeiro a me converter ao Evangelho. Logo que eu me converti era taxado como louco, pois era tudo muito novo para mim e eu não tinha sabedoria. Queria passar e falar das coisas novas e experiências que estava passando. No início era muito criticado, então fui morar em uma fazenda que ficava longe. O vizinho mais perto ficava a cinco quilômetros, no interior de Pedro Osório. Sou natural de São Lourenço do Sul, fiquei longe da minha família do jeito que eu sempre queria, mas sempre quando eles tinham problemas, eles me ligavam.

A igreja que congregava era longe, então eu ia uma vez por mês até São Lourenço do Sul. Eu sempre fui muito desconfiado com igrejas e por isso não ia a outras. Um dia minha esposa e eu estávamos escutando a rádio clube Pedro Osório. Ouvindo o programa missão de um discípulo, ela viu que a voz da mulher que falava era conhecida. Logo nos demos por conta que ela morava ao lado da escola onde minha esposa estudava. Fomos conhecer este casal e parecia que já nos conhecíamos há anos. Através deles conhecemos o Centro de Treinamento Bíblicos Restauração e passamos a estudar uma matéria sobre como ser guiado pelo Espírito Santo.

Num fim de semana meu irmão, que debochava de mim porque eu era crente, foi me visitar. Sempre o recebemos com muita alegria. Na época só tinha um único sobrinho e

ele era pequeno: nos divertíamos muito. O meu irmão, como sempre muito orgulhoso e debochado, sempre querendo ser mais do que os outros, contava vantagem em tudo. Ele começou a contar que prosperava e de como estava indo bem financeiramente. Para mim estava sendo uma época difícil, mas como estava aprendendo a viver pela fé, simplesmente eu escutava.

Estávamos almoçando e logo comecei a lavar a louça. Ele estava muito alegre contando suas vantagens. Mas, de repente, tive como se fosse um pressentimento, algo falava comigo e mandava perguntar a ele “Está tudo bem mesmo?” Mas meu irmão começou a gabar mais e mais e contar mais vantagem.

Eu continuei a lavar a louça e outra vez ouvi a voz suave que me mandou fazer a mesma pergunta. Novamente perguntei “Está tudo bem contigo, com tua família?” e ele me respondeu rindo e debochando “É claro que está!” Logo os seus deboches começaram a ficar piores e eu continuei lavando a louça. Pela terceira vez ouvi a voz de novo: “Pergunta se está tudo bem” e a voz continuou e disse “Ele está correndo perigo de vida, envolvido em algo que ele não pode sair e se sair vão matar ele e a família”.

Perguntei “Está tudo bem mesmo?”. Ele começou a rir e dizer “Está louco”. Então eu disse já indignando com a situação: “Quem está mentindo? É você ou Deus?” Logo ele

Continua...

começou a chorar e eu disse: “Deus me disse que você está correndo risco de vida” e ele passou a chorar e soluçar. Seu semblante de alegre logo mudou.

Começou a me contar de como estava envolvido com roubo de gado, junto com os Sem-terra e que não podia sair se não matavam ele. Perguntou-me: “Tenho chance ainda?”. Disse “Quer aceitar Jesus como teu Senhor e Salvador? Só ele pode mudar o quadro da sua vida”. Ele aceitou chorando e oramos por ele para que Deus intervisse naquela situação. Na mesma semana Deus deu a ele um novo emprego em outra cidade.

Mas ele continuou incrédulo mesmo Deus agindo. Na outra cidade, se envolveu com mulheres, usava droga na frente do filho, até que sua mulher não aguentou mais, arrumou um caminhão da prefeitura da cidade e juntou suas coisas. Com o filho foi para casa da sua mãe. Ele não satisfeito decidiu ir atrás com intuito de matar ela e o filho.

No cominho decidi me ligar e eu, sem saber de nada, o encontrei no caminho. Quando eu ia chegando ouvi a mesma voz “Pega a bolsa dele e não pergunta. Vai para tua casa.” Sem duvidar fiz. A noite teria um culto na nossa Igreja e eu e minha esposa sempre íamos, disse para ele “Quer ficar? Faz a janta e nós vamos para o culto.” Mas ele decidiu ir junto: ele assistiu o culto e logo que terminou eu apresentei a ele o pastor Eliomar e fomos conversar na sala do pastor. O pastor começou a falar

toda vida dele desde a infância o que ele tinha passado. Ora ele olhava pra mim e embravecia, depois se dava por conta que nem eu sabia tanto da vida dele nem mesmo sendo o mais velho.

Chorava, naquele dia se converteu mesmo! Saiu na porta da igreja e decidiu parar de fumar. Ninguém tinha dito para ele parar de fumar. Na igreja tinha irmão há anos e não conseguia perder o vício. Decidiu reconquistar sua família, pediu perdão e aos poucos foi ganhando a confiança da esposa. Eles tiveram mais uma filha linda e meu irmão está mais “crente” do que eu. De vez em quando eu brinco com ele “Quer abandonar a Cristo?”. Ele me diz “Está louco?”

Rogério Jardim Holz



A GALINHA JUREMA

A minha história é bem simples e comum. Quando era pequena brincava muito com minha prima e crescemos juntas. Ela se chama Carla. Ela tinha uma galinha e nós brincávamos com o Colocamos o nome dela de Jurema. Adotamos como nosso animal de estimação. A galinha brincávamos todos os dias e com o passar do tempo ficávamos cada vez mais ligadas, pois Jurema era muito importante para nós. Como ela tinha muito carinho, parecia nos corresponder em tudo e também nos entendia.

Aprendi a gostar dela, por isso era muito apegada. Mas certo dia, muito triste para minha prima e, é claro, para mim, meus pais e meus tios marcaram um almoço de família, juntaram-se todos: tios, tias e primos. Nesse mesmo dia fomos atrás da Juju onde ela sempre estava e costumava nos esperar para brincar. Mas não a encontramos. Procuramos, chamamos por ela por muito tempo e nada.

Foi então que minha mãe nos chamou para almoçar. Fomos para a mesa cansadas e tristes por não ter encontrado Jurema. Mas alguma coisa me dizia que havia algo errado. Meu primo, com olhar de riso e cinismo, como quem sabia o que tinha acontecido, nos olhava com ar de mistério, prestes a nos



contar o que realmente aconteceu com a galinha.

Meus pais e meus tios não gostavam que brincássemos com ela. Foi então que resolveram levar Jurema, coitadinha, pra panela. Assim, minha prima e eu nos deparamos com ela no prato. Foi terrível e traumático, até hoje quando nos encontramos nos lembramos da galinha, de todo o trauma que isso nos causou. Foi muito triste e também acho que foi muita maldade minha prima ter visto aquela cena. A nossa querida galinha Juju assada em uma bandeja.

Sonia da Silva Ribeiro

CORAÇÃO SOLITÁRIO

Através do meu belo casamento de 6 anos conheci a Maria Ivone, mãe do meu marido. A minha sogra viveu muito tempo com um homem que ela achava ser seu amor eterno, com quem teve suas duas filhas, Andresa e Andriele.

Passou muito trabalho com ele em questão financeira e amorosa porque ele não gostava muito de trabalhar e também não era uma pessoa de dar carinho. Então, um dia se cansou e resolveu dar um basta naquela situação, se separou.

Foi aí que começou a gostar primeiro dela, saindo, se divertindo, colocou até seus dados no Diário Gaúcho, no

Continua...



famoso Coração Solitário. Alguns dias se passaram e nada, até que um dia o Arlindo, que hoje em dia é meu sogro, entrou em contato com ela e marcaram de se encontrar em um shopping. Para ficar melhor de se achar, eles falaram como cada um estaria vestido. Andaram de um lado para o outro até que se esbarraram. Naquele dia tudo começou. Cada vez mais e mais se conheceram e tiveram a certeza de que tinham encontrado a pessoa certa. Com o passar do tempo um foi ajudando o outro. Minha sogra tinha uma casinha humilde e meu sogro sabia trabalhar como pedreiro: os dois sozinhos construíram uma nova casa, ficou tudo muito lindo e também juntos compraram um carro. Hoje em dia estão vivendo muito bem, com sua filha mais nova, Andriele, com seu carrinho, sua casa e o mais importante, com amor.

Michele Dreyer Azevedo Pinto

AH, QUE SAUDADE

Ah, que saudade de tudo aquilo que ficou pra trás, distante no tempo que não volta mais.

Ah, que saudade da mamadeira deliciosa que mamãe fazia com o leite da vaca Morinha.

Confesso que depois de todos que tomei até aqui, gosto igual eu nunca senti.



Ah, que saudade de caminhar de chininho na grama branquinha coberta pela geada.

Ah, que saudade do nosso lugar, que hoje existe só na lembrança e dela não sairá.

Ah, que saudade até do cocô redondo da vaca que, sobre a grama molhada, servia para brincar.

Ah, que saudade do trio: Lisiane, Duda e eu que sempre estavam a aprontar as brincadeiras mais engraçadas.

Ah, que saudade daquela magia, daquele colorido incomparável e que era só nosso.

Ah, que saudade do cavalo Preto que já não existe mais e que quando ouvia falar na carroça corria pro mato com medo do trabalho pesado.

Ah, que saudade da mãe seguindo a galinha sacana para achar o seu ninho escondido no pasto.

Ah, que saudade, quanta saudade e é com essa saudade eu me despeço.

Viviane Medeiros Ciscan Trindade

AMOR ESTRANHO

Vou falar de uma pessoa que ama demais e é correspondida de uma forma muito estranha. Esta pessoa é minha amiga Cristina. Ela é casada, ou melhor dizendo, vive com uma pessoa que é pai de sua única filha, Patrícia. Ele é legal, mas ama de uma forma muito egoísta.

Pelo modo que ele trata elas dá pra ver que ele gosta muito delas, faz de um tudo por sua família, mas não consegue largar a vida noturna, amigos e pescarias. Minha amiga sofre com isso, não concorda com estas atitudes, mas não pode amarrar ele ao pé da cadeira. O casal vive bem (ou já se acostumaram), mas o fato é que Cristina sofre muito com as atitudes do marido.

Penso que a culpa é dele porque superprotege demais quando está por perto. Faz tudo pelas duas. Nos últimos dias aconteceu que ele foi viajar e elas ficaram por aqui, pois estudam e trabalham. Em um desses dias choveu muito e com isso encheu a casa deles de água. Passamos o maior trabalho. Ela não pode contar com muita gente, somente com a filha e comigo, sua melhor amiga de anos. Mas ela se saiu muito bem. Tomou todas as providências sozinha e ficou tudo bem. No fim, foi uma prova de que ela tudo pode.

Não entendo estes dois: se é amor ou raiva que existe entre eles. O fato é que eles vivem juntos há 25 anos, ela sempre esperando por ele. Ela está em segundo plano e acabando por ficar com o que sobra dele. Mas, uma coisa não podemos negar: ele é um ótimo pai. Com isso ela não perde a esperança de que um dia ainda vai ser feliz e viver com ele por inteiro. Compreendo esta minha amiga porque a falta que ele faz é maior do que os erros que ele comete. Já dizia o ditado: “o que os olhos não veem, o coração não sente.”

Márcia Regina Pinheiro



HISTÓRIAS

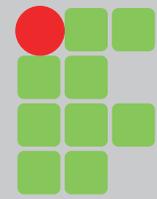
que merecem ser contadas



André Barreto Sampaio
Andrea Cristina Muslera Brum
Clair Ester Goularte Ozorio
Elis Regina Guterres Rodrigues
Fátima Marinez Lermen
Janaína Silvério Amaral
Julio Cesar dos Santos
Luis Fernando Cruz de Lima
Mara Cristina da Luz
Márcia Regina Pinheiro
Maria Cristina da Silva Ferreira

Mariza Canabarro Gonçalves
Michele Crissiane Maciel Machado
Michele Dreyer Azambuja Pinto
Neli Terezinha Rodrigues
Rogério Jardim Holz
Rosimeri Rodrigues Marques
Sérgio Roberto Souza Lopes
Sonia da Silva Ribeiro
Suzete Luciana Cruz de Lima
Valdriana Silva Correa
Viviane Medeiros Ciscan Trindade

que merecem ser contada
HISTORIAS
que merecem ser contada
que merecem ser contada
HISTORIAS
que merecem ser contada
que merecem ser contada
HISTORIAS
que merecem ser contada



**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
SUL-RIO-GRANDENSE
Câmpus Sapucaia do Sul

que merecem ser contada
que merecem ser contada
HISTORIAS
que merecem ser contada
que merecem ser contada
HISTORIAS
que merecem ser contada
que merecem ser contada
HISTORIAS
que merecem ser contada